

SUMÁRIO

✓ Editorial

✓ RETRATOS de Teilhard:
Robert Garric

✓ AAPTCP - Actualidades
"Jornadas Teilhard"
«A CRIAÇÃO É
INFORMAÇÃO»
Jacques S. Abbatucci

✓ LENDO sobre Teilhard:
«QUE SE PASSA NO
UNIVERSO?»
François Euvé s.j./John Haught

✓ ORANDO com Teilhard

✓ LA PENSÉE de Teilhard



Associação dos Amigos de
Pierre Teilhard de Chardin
em Portugal

R. Vila Catió, 397 - 6.º esq.
1800-348 LISBOA

teilhard.portugal@sapo.pt

EDITORIAL

Significado do tempo no sentido da evolução, segundo Teilhard de Chardin

“A Vida, porque é ascensão de consciência, não podia continuar a avançar indefinidamente na sua linha sem se transformar em profundidade” (*Fenómeno Humano*, T. Martins, Porto, 1966, p.170); por isso, a posição do problema da hominização, em Teilhard, implica necessariamente uma reflexão sobre o método teilhardiano e sobre o sentido da evolução a que estes conduzem; ao elaborar uma síntese na visão do mundo, parte de uma análise do fenómeno total, pois, sendo “centro de perspectiva, o Homem é, ao mesmo tempo, *centro de construção* do Universo. Tanto por conveniência, como por necessidade, é pois a ele que, finalmente, toda a Ciência tem de ser referida” (FH, p. 7). O núcleo do pensamento teilhardiano é constituído pelo homem, pelo facto humano, pelo homem entre o mundo e Deus; daí o fascínio e a permanente actualidade deste pensamento. O homem é, para Teilhard, aquele ponto misterioso no espaço e no tempo onde se encontram o físico e o biológico, por um lado e, por outro, o espiritual e o divino; o homem veio do mundo e vai para Deus. É este enigma que a antropologia teilhardiana procura esclarecer. O ponto de vista donde partiu Teilhard, na sua análise, foi o ponto de vista científico, construindo uma autêntica fenomenologia científica, introspectiva, ontológica e normativa. “Para ser correctamente compreendido, o livro que aqui apresento tem de ser lido, não como uma obra de metafísica, muito menos ainda como uma espécie de ensaio teológico, mas única e exclusivamente como uma dissertação científica”, adverte Teilhard no FH (p. 1).

O pensamento de Teilhard de Chardin parte, contudo, da hipótese da evolução do universo e procura desvendar o seu sentido espiritual. A sua fenomenologia é uma fenomenologia da evolução ao nível macroscópico; semelhante fenomenologia é o próprio objecto da obra de Chardin. O conceito de evolução não implica necessariamente uma determinada teoria transformista, nem, ainda menos, uma profissão de ateísmo ou materialismo; mas quer dizer que o mundo em que vivemos não é um mundo já feito, mas se está fazendo num processo ininterrupto de Cosmogénese. Toda a obra científica de Teilhard pode caracterizar-se como sendo um esforço tendente a encontrar, a partir da própria realidade e sem apelar para qualquer pressuposto metafísico, o “sentido” da evolução. “A Ciência nas suas ascensões – e até (...) a Humanidade, na sua marcha – marcam passo neste momento porque os espíritos hesitam em reconhecer que há *uma orientação* precisa e *um eixo* privilegiado de evolução (FH, p. 142).

A grande novidade e originalidade do pensamento teilhardiano consiste unicamente em buscar a direcção da evolução no espiritual. “Verdadeiramente, para mim, não existe mais que uma espécie de mundo do espírito. (...). O espírito que eu creio adivinhar está revestido da ganga da matéria.” (*Lettres de Voyage*, Grasset, Paris, 1956, p. 118). Todavia, numa fenomenologia científica, é necessário ter-se espírito de síntese para o reconhecimento do uno debaixo do múltiplo. O espírito de síntese é a base de uma concepção científica da evolução. A complexidade progressiva tem um aspecto “histórico”, é o testemunho actual de uma história. O espírito de síntese, em biologia, é essencialmente o “sentido do tempo”, a ideia de que os seres não são, mas se fazem, não com um relativismo total, mas se convertem naquilo que eram aptos para ser. Este sentido do tempo que, por meio da biologia, já Bergson compreendia, falta em muitos pensadores; ele constitui, todavia, o elemento fundamental para compreender o real; quem o não possui tem uma visão mutilada. Um humanismo que quisesse esquecer esta dimensão seria absolutamente ineficaz.

Tal dimensão do tempo é percebida pelo espírito de síntese primeiramente no plano da história individual: o homem é, ao princípio, um ovo, uma célula única, inferior a uma ameba, apesar da sua matéria vivente especialmente humana, que atesta que é já homem.

Mas existe outra dimensão do tempo que conduz obrigatoriamente o biólogo através dos graus mais elevados de síntese; tal é o conhecimento da evolução biológica das espécies, que situa o homem num lugar cósmico.

Teilhard de Chardin compreendeu muito cedo esta implicação cósmica de que se reveste o conceito de evolução, se legitimamente alargado à totalidade do Fenómeno Espaço-Tempo: “aos poucos cresceu em mim a consciência de que uma corrente profunda, ontológica, total, afectava o Universo à minha volta”.

Esta inteligência do Tempo, ou seja, da natureza evolutiva do real, foi retomada constantemente por Teilhard no decurso da sua obra. Tudo o que a evolução nos indica é a temporalidade de uma Criação que se está efectuando sob os nossos olhos. A evolução representa uma dimensão – “a dimensão temporal” – do real.

Cassiano Reimão Presidente da Direcção da AAPTCP



RETRATOS de Teilhard de Chardin

«Venha então almoçar na quarta-feira. Irá encontrar três padres que certamente o irão interessar».

Foi com este convite de Mlle Zanta que me dirigi a Neuilly, num lindo dia de Primavera de 1925, levado por uma certa curiosidade. Não pensava que esse encontro me viria a influenciar profundamente.

De facto, estavam presentes três sacerdotes. Um deles tinha um nome cheio de prestígio, o Pe. Bremond; o segundo era um nome também muito conhecido, o Pe. Mugnier; o terceiro ... reservava-me a grande surpresa do dia.

[...]

O terceiro sobressaía entre todos os comensais: alto, também, elegante, falava pouco; o olhar, belo e profundo, perscrutava longe e parecia seguir um pensamento; não intervinha na conversa senão com muita reserva, e as suas palavras tinham qualquer coisa de grave, de incisivo; denotava ao mesmo tempo um ar de arrojo e de modéstia. E impunha-se, tanto pelo silêncio, como pelas suas rápidas observações: diante dele, sentíamos-nos como diante de alguém a cuja influência ninguém se pode eximir e que em nós desperta repentinamente uma enorme simpatia. Porte de fidalgo religioso, ar e movimentos de desportista: a ascese burilava-lhe o rosto, todo iluminado de vida interior.

Desde esse dia, fixou-se-me para sempre na lembrança e não deixei de o assinalar à dona da casa onde, depois, haveria de o encontrar mais vezes: era o Pe. Teilhard de Chardin, que regressava da sua primeira viagem à China.

[...]

Quando dele me recordo, revejo-o primeiro como esse homem espantoso que, pouco a pouco, escapou às diversas categorias impostas pelo mester e pelo meio. Cria laços fraternos com todos os que se cruzam com ele no mesmo caminho, sem deixar de ser apegado aos seus e ao seu país, aberto a todos os homens, numa larga aspiração para o futuro.

Revejo-o: optimista sem ilusões, generoso, com raça, voltado para os seus irmãos humanos, mostrando-lhes em palavras ricas de poesia a grande estrada que leva ao largo. Piloto na proa, a descobrir e a anunciar as terras novas.

Revejo-o sobretudo como o vi uma vez: tinha-lhe pedido que viesse celebrar uma missa ao ar livre, para um grande número de jovens trabalhadores: ele era *o homem da sua missa*, com um olhar todo interior, voltado para a realidade invisível.

Missa sobre o mundo, essa missa disse-a ele toda a vida. Disse-a quase por toda a parte na superfície da terra para «divinizar o dia que começa». Sempre se há-de reler a sua admirável oblação: «Pois que mais uma vez ainda, Senhor, não já nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei por cima dos símbolos até à pura majestade do real e oferecer-vos-ei, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e o esforço do mundo».

O Pe. Teilhard havia de morrer em 1955, no dia de Páscoa, tal como o tinha desejado.

Robert Garric

(do prefácio de “Cartas a Léontine Zanta”, ed. Morais Editora, 1967)

Conforme oportunamente anunciado, realizou-se no dia 3 de Maio de 2007, na Universidade Lusíada, em Lisboa, um encontro que foi designado por “Jornadas Teilhard de Chardin”. Na sessão, que foi presidida pelo Prof. Adriano Moreira, foram apresentadas duas conferências: “Ciência e Fé”, pelo Prof. Sebastião Formosinho, da Universidade de Coimbra, e «La Création est information», do Prof. Jacques Abbatucci, Presidente da Association des Amis de Teilhard de Chardin, de Caen, França. Da primeira comunicação, esperamos poder dar no próximo número um resumo. Quanto à segunda, e uma vez que o conferencista, à última hora, por motivos de saúde, não pôde comparecer, foi lido o seu texto em tradução para português. Pelo grande interesse do assunto abordado, a seguir transcrevemos o texto na versão portuguesa. As “Jornadas” encerraram-se com uma Eucaristia comemorativa dos aniversários natalício e de morte de Teilhard de Chardin, respectivamente 1 de Maio e 10 de Abril, que foi celebrada pelo Prof. Padre Luís Archer s.j., nosso Sócio Honorário, que antes tinha também feito parte de mesa da sessão.

A CRIAÇÃO É INFORMAÇÃO E UNIÃO

por Jacques Séverin Abbatucci

«No começo era o Verbo soberanamente capaz de dominar e de moldar toda a matéria que nascia. No começo, não havia o frio e as trevas, havia o Fogo. Esta é a verdade. Assim, pois, muito antes que da nossa noite saia gradualmente a luz, é a luz preexistente que paciente e infalivelmente elimina as nossas sombras. Meu Deus, Vós sois o próprio fundo e estabilidade do Meio eterno, sem duração nem espaço, em que, gradualmente, o nosso Universo emerge e se finaliza, perdendo os limites pelos quais ele nos parece tão imenso. Tudo é ser, não há senão ser por toda a parte, sem os limites da fragmentação das criaturas e da oposição dos seus átomos.» **Pierre Teilhard de Chardin, Hymne de l’Univers¹**

Esta visão fulgurante de Teilhard contém todo o mistério e esperança que, pela nossa fé, ousamos colocar na cosmogénese, a qual é o objecto das nossas observações, e na presença, no seu seio, do Homem e do Espírito que nele se exprime.

No começo era o Verbo

O mais profundo mistério situa-se aqui.

Na imensidão eterna e sem limites – *sem duração nem espaço* – manifestou-se uma força estranha que designamos por energia. Ninguém sabe dizer o que ela é. Sabe-se apenas, e muito parcialmente, como ela age. Não tem forma nem consistência, é indiferenciada. Pode dizer-se que é ser em potência.

Nesta substância imaterial que escapa à razão, introduziu-se uma impulsão directiva e organizativa, anunciada na mensagem profética. No fogo inicial havia o Verbo, dominando e moldando tudo o que nascia.

E, com efeito, na imaterialidade da energia, formaram-se partículas estranhas, também elas talvez apenas micro cordas vibrantes, atraídas entre si por uma força que, mais tarde, muito mais tarde, o espírito humano inspirado pelo Verbo assimilará ao Amor.

Assim começava a construção do universo por um acto de criação e de união, sob o impulso duma energia informada.

A energia e as forças cósmicas

Após uma breve fase no domínio subquântico, o do infinitamente pequeno, a energia organiza-se em forças que nós conhecemos como sendo fundamentais: as forças electromagnéticas, as forças nucleares e a gravidade. Entre si, elas combinam-se para constituir as leis da física, com as interacções físico-químicas que conhecemos. Assim, vão-se reunindo elementos para formar os primeiros elementos daquilo a que vamos chamar matéria.

A energia fundamental reveste este mecanismo e o universo constrói-se integralmente pela organização dos elementos materiais deste modo formados numa síntese, isto é, numa união que se acelera de forma exponencial. Assim se formam os elementos do mundo físico, do átomo à galáxia. O conjunto dilata-se e esta expansão faz-se criando o espaço e o tempo. Santo Agostinho², numa premunicação espantosa, tinha já dito « o mundo fez-se com o tempo, não no tempo ».

Mas é preciso saber que nem toda a energia passa por esta metamorfose em matéria. Mais de três quartos não são detectáveis, se calcularmos a massa equivalente da matéria cósmica. Essa falta

¹ Teilhard de Chardin, *Hymne de l’Univers*, Seuil 1961, p. 20.

² Saint Augustin, *Confessions*, L. XI, ch. X-12 à XX-326

constitui uma quantidade considerável para permitir o equilíbrio do universo no quadro do sistema do *big bang*, actualmente admitido pela generalidade. Esta massa ausente seria talvez constituída por uma matéria diferente da que nós conhecemos. Não seria feita de átomos e isso explicaria que ela não seja visível (matéria negra). Por outro lado, uma grande proporção de energia teria permanecido em estado imaterial (energia negra).

Tudo isto é seriamente discutido por especialistas eminentes no quadro da ciência moderna, a qual, no entanto, não apreende ainda senão uma porção limitada daquilo que constitui a substância do nosso universo. Estas considerações de carácter futurista são ainda hipotéticas, é certo, mas parecem-me mostrar quanto o *real* é vizinho próximo do *abstracto*. Porquê então rejeitar *a priori* como irracionais conceitos espirituais tais como a presença duma mensagem, do Verbo, na construção do universo? O sábio tem o direito e o dever de se interrogar.

A inseparabilidade

Ao especular assim sobre o todo, um outro fenómeno vem incitar-nos à máxima modéstia e, ao mesmo tempo, suscitar grande orgulho por o havermos descoberto e demonstrado experimentalmente. A física quântica veio revelar uma correlação de carácter estranho entre dois objectos, partículas ou ondas, resultantes duma mesma intervenção sobre um elemento atómico. Estes objectos assim resultantes permanecem inseparáveis nas suas respostas a uma acção operada sobre um deles, qualquer que seja a distância que os separe. A experimentação confirmou-o brilhantemente. A *Académie des Sciences*, num recente número do seu boletim (Primavera de 2005) sublinhou a importância do fenómeno: « parece assim claramente ser a mecânica quântica que produz uma descrição correcta da realidade física e que, portanto, deveremos considerar o sistema das suas partículas correlativas como um sistema quântico único, não separável em duas entidades localizadas. [...] A nossa concepção de espaço está em vias de sofrer uma evolução, a qual nós, hoje em dia, não dominamos senão muito parcialmente [...], e esta revolução quântica poderia, por seu lado, perturbar a nossa sociedade ao desembocar numa nova revolução tecnológica, a revolução da informação quântica ...»

Vindas duma fonte tão autorizada, tais considerações revestem-se duma grande importância.

O universo no seu conjunto forma um todo em que cada elemento está indissolúvelmente ligado aos outros. Os átomos constroem os seres vivos e, portanto, os nossos corpos biológicos fazem parte desse todo.

Teilhard de Chardin dizia, em 1940, no *Fenómeno Humano*³ : « Acharíamos natural atribuir aos corpúsculos cósmicos um raio de acção individual, tão limitado quanto as suas próprias dimensões. Ora, torna-se evidente, pelo contrário, que cada um deles não é definível senão em função da sua influência sobre tudo o que o rodeia – e, reciprocamente, ele não se define senão em função do que o rodeia. Qualquer que seja o espaço em que o suponhamos colocado, cada elemento cósmico preenche inteiramente esse mesmo volume pela sua irradiação. Por mais estreitamente circunscrito que seja, pois, o “Cerne” dum átomo, o seu domínio é co-extensivo, pelo menos virtualmente, ao de qualquer outro átomo. Estranha propriedade esta que redescobrimos [...] inclusivamente na molécula humana !» E ainda: «Quanto mais penetramos em profundidade na Matéria por meio dum poder cada vez mais intenso, mais a interligação das suas partes nos confunde.»

Estas ideias novas podiam, sem dúvida, parecer extravagantes ao espírito racional comum à época, mas a física moderna veio dar-lhe uma estrondosa consagração, indo mesmo ao ponto de discutir a possível *não-localização* do universo.

A criação faz-se pelo Verbo que se encontra nela

A complexidade do mundo físico

A união de todos os componentes que formam aquilo a que chamamos *a realidade* é o produto das leis da natureza conjugando-se numa continuidade semântica, isto é, por meio de laços que ordenam uma acção, definem uma propriedade, e que têm, assim, um significado. A natureza não é feita de objectos fundamentais simples, como a nossa percepção imediata nos faz pensar. O menor dos átomos é uma estrutura complexa, verdadeiro microcosmos formado de elementos que a física quântica nos descreve como não localizáveis, a não ser de forma probabilística.

Autores quânticos, como Nicolescu, consideram que esses objectos são substituídos por um princípio de organização energética que tem a virtude de ser, simultaneamente, princípio estruturante das diferentes escalas da Realidade. A física moderna fala menos de «objectos» e mais de «eventos» e da «organização» estruturante desses objectos. A informação introduzida na energia torna-se a verdadeira figura da realidade.

³ Teilhard de Chardin, *Le Phénomène humain*, Seuil, p. 29

Bernard d'Espagnat, físico teórico de grande renome, vai mesmo mais longe⁴ : «As descobertas da física contemporânea têm como implicação – tácita mas inelutável – que o *mecanicismo* não é mais do que uma aparência, mesmo ao nível das interacções corpusculares». E precisa que « o último degrau não é a matéria, o átomo, as partículas. É uma estrutura matemática, é um *logos*. A ciência não nos daria verdadeiramente acesso ao Real, no sentido ontológico do termo, mas somente às ligações entre os fenómenos ».

É o problema da organização da matéria que é, deste modo, levantado. Ela é um agregado de informações e, a esse título, Edgar Morin pôde falar de estado *computante* da matéria.

Tudo isto conduz a considerar o universo como um todo solidário e *inteligente* – matematicamente ligado por uma informação difusa.

A dualidade materialismo><espiritualismo não tem suporte racional convincente. É uma fabricação intelectual que não quadra com o que conhecemos actualmente da *realidade*.

Aqui se situa o mistério fundamental : a criação é, na sua origem, o efeito duma intervenção informante cuja natureza ignoramos. O positivista diz que um dia nós a descobriremos. Mas não estaríamos então a relegar o mistério ainda para mais longe ? A hipótese dos universos múltiplos, por exemplo, poderá satisfazer-nos ?

O crente admite a existência dum *absoluto* primordial a que chama Deus. É uma opção *não verificável*, bem entendido, mas não merecerá ela, ao menos, a mesma consideração do que a precedente ? Apoia-se na confiança – a *fé* não é sinónimo de *confiança* ? – numa Revelação, fenómeno que escapa à nossa razão mas que é assimilável ao acesso directo a uma verdade. Grandes espíritos científicos beneficiaram dele, já sem falar dos religiosos. Esta revelação reveste-se para nós de grande valor : dá sentido às coisas, dá sentido à nossa vida e, conseqüentemente, à aventura humana.

O Espírito do Cosmos, o Verbo – a *energia-informação* para a ciência ? – está imerso na *realidade*. Nada se faz sem Ele.

O pensamento humano é o seu ponto de contacto, com todo o potencial que nele reside e lhe permite agir sempre com maior vigor sobre a matéria, sobre a vida e, até, cada vez mais sobre o futuro do nosso planeta.

Mas sejamos modestos e conscientes da missão que é a nossa, se formos capazes de lhe corresponder. Nós não somos senão obreiros, vimo-lo no preâmbulo teilhardiano com que abrimos esta comunicação : « muito antes que da nossa noite saia gradualmente a luz, é a luz preexistente que paciente e infalivelmente elimina as nossas sombras.»

O mundo do ser vivo é mais um patamar na complexidade

Há cerca de quatro mil milhões de anos, um fenómeno de primeira grandeza ocorreu na terra : a matéria, ou seja, a energia, transpôs um novo nível da sua organização na direcção de um aumento de neguentropia, isto é, na direcção duma maior improbabilidade. Tratou-se duma emergência, duma descontinuidade no processo evolutivo. Foi, de facto, uma verdadeira revolução : criaram-se laços dum tipo novo entre diversos elementos, laços caracterizados pela sua plasticidade, pela sua fragilidade, mas também pela sua adaptabilidade, pela capacidade de inventar formas novas e de estabelecer processos de comunicação e de informação duma enorme precisão e duma extrema complexidade entre as diversas estruturas.

Aliás, é preciso que se diga que estes laços são a única estrutura perene na natureza de cada ser vivo. É um esquema matricial que caracteriza cada indivíduo. Os átomos que se ordenam neste esquema material estão em perpétua renovação ao longo da vida e vêm apenas «vestir» a estrutura. São obtidos do meio exterior pela alimentação e eliminados depois de utilizados pelas diversas excreções. São impessoais. Isto é verdade para todos os átomos, segundo ciclos mais ou menos longos, necessários a todo metabolismo. Os elementos constitutivos dos genes não escapam a esta transitoriedade.

O homem, como todos os seres vivos, é o resultado duma acumulação de nível organizacional, um agregado de *órgãos*. Os saltos de escala de complexidade, que este movimento criador representa, não podem resultar duma acção não-informada dos elementos atómicos, que assim não seria senão o efeito da sua própria «iniciativa». As simples valências químicas, por exemplo, só agem no seu meio temporo-espacial imediato e não podem ser suficientes, em toda a lógica, para explicar uma construção complexa processada no tempo, cujo objectivo só pode ser atingido pelo conjunto constituído.

O fenómeno vital é, pois, totalmente original e não explicável pela simples física. Esta etapa decisiva fez-se no seguimento do próprio fenómeno de união criadora sob a influência duma informação, isto

⁴ Bernard d'Espagnat, *Une réouverture des chemins du sens*, in Staune, *Science et quête de sens*, Presses de la Renaissance, 2005, p.26.

é, dum força que dá forma a um novo aspecto da realidade. Para o crente, é o Verbo que se faz carne.

A célula primitiva, primeira realização do processo vital, reúne elementos pré-bióticos presentes na «sopa primitiva». Depois, ao longo das eras, a construção prosseguiu, regulada por um mecanismo de adaptação ao meio, ele próprio evoluindo progressivamente por acréscimo de informação. Lamarck, e depois Darwin, deixaram a sua marca na descrição deste modo evolutivo, privilegiando a estrutura melhor adaptada e respondendo, diremos nós, a um impulso irreprimível de progresso no sentido contrário ao da entropia, cuja necessidade nos escapa.

Em tudo isto, os evolucionistas positivistas consideram que a aparição da vida é o resultado dum encontro de acaso entre elementos, eles próprios frutos do acaso. As forças da natureza não terão, pois, a seus olhos, nenhum sentido? Noutros termos, é a sua acção puramente conjuntural ou caótica? Porém, a observação parece mostrar-nos claramente que não é esse o caso. Uma ordem superior organiza as forças. As leis da natureza e as suas interacções são modelos de racionalidade. É a racionalidade que o nosso espírito reivindica para as interpretar. No caos, o cosmos não poderia ter-se criado.

Escutemos Teilhard⁵:

« Se o Universo conseguiu, até aqui, o trabalho inverosímil de fazer nascer o pensamento humano no seio do que nos parece ser uma rede inimaginável de acasos e de infortúnios, é porque, no fundo de si mesmo, ele é dirigido por uma potência soberanamente mestra dos elementos que o compõem. Eu creio-o, também, por necessidade: porque, se fosse possível eu duvidar da solidez a toda a prova da substância na qual eu me encontro envolvido, sentir-me-ia absolutamente perdido e desesperado. Creio, enfim, e sobretudo talvez, por amor; porque amo demasiado o Universo que me envolve para não ter confiança nele.»

A totalização humana

A humanidade, nascida no cosmos e imersa nele, está sujeita às mesmas leis de organização e de confluência. Longe de constituir um estado consumado, finalizado na realidade e na imensa multiplicidade das pessoas, ela é, globalmente, apenas um elo da longa sequência da criação. A visão fixista foi ultrapassada.

A grandeza do Homem, sem lhe retirar a sua nobreza, o *insubstituível* da sua alma, a sua *Realeza*, segundo Teilhard « *consiste em servir melhor como átomo inteligente a obra empenhada no universo* ». Esta obra de criação prossegue na totalização humana. Uma nova emergência é esperada, a dum humanidade *planetizada*.

Alguns factos de observação esclarecem a verosimilhança desta perspectiva. Desde o princípio da sua história, a humanidade não segue o esquema habitual da evolução das espécies que tendem a dispersar-se em múltiplas ramificações, seguindo cada uma a sua diferenciação. A espécie humana, pelo contrário, mantém a sua unidade nas mais diversas condições de meio, às quais, graças ao seu espírito, sabe adaptar-se. Das zonas glaciares aos territórios tórridos, a pessoa humana permanece a mesma. Adapta-se à evolução muito mais depressa – milhares de vezes – do que o poderia fazer pela simples acção dos mecanismos biológicos que regem a marcha habitual da adaptação descrita pelos evolucionistas clássicos.

E o espírito humano vai muito mais longe na sua intervenção. A partir das suas descobertas, ele inova, inventa, cria. Pela cultura, a educação e a investigação, cria laços entre os indivíduos. Introduz informação de forma massiva no processo biológico. As inter-conexões entre as pessoas desempenham um papel cada vez mais poderoso. As consciências da nossa *hominitude* torna-se cada dia mais palpável, tanto no bem como no mal.

Daí resulta informação difusa, confusa, muitas vezes discordante, mas podendo, no entanto, desembocar, se formos capazes e o merecermos, numa união verdadeira, atingindo a *super humanidade* esperada por Teilhard, ou seja, talvez o homem perfeito, o homem novo anunciado nas Escrituras.

Mas tal não será possível somente pela nossa vontade. As forças fundamentais que a física descreve são insuficientes, porque nós estamos num outro domínio. Aqui tocamos no domínio do Espírito. Temos necessidade da intervenção dum força dum outro nível de realidade, dum força de atracção que venha render as forças físicas mas, como elas, imanente ao cosmos, uma quinta força fundamental, sem dúvida: o Amor inspirado pelo Espírito divino.

Esta força cósmica, tal como a vê Teilhard, reúne as mônadas humanas da mesma maneira como contribuiu relativamente a toda a criação. Mas aqui trata-se de *pessoas* com a sua originalidade própria. A *planetização*, a totalização, não deve conduzir ao totalitarismo: a qualidade, a excelência, a virtude

⁵ Teilhard de Chardin, *Science et Christ*, Seuil, p. 69.

não devem sucumbir, dizia Tocqueville. A União que conduz ao Pleroma esperado só pode realizar-se no Amor e na diversidade das almas que se completam.

Foi este amor que conseguiu construir as sociedades humanas desde a origem, sempre em luta contra forças opostas, o ódio, o orgulho, o egoísmo, a inveja, o mal, sob todas as formas que tendem a dispersar, a aviltar ou destruir as nossas construções humanas. Serão essas forças negativas obra duma potência *diabólica*, de alguma espécie de anti-Deus, ou não serão senão a manifestação do (chamado) «pecado original» que trazemos dentro de nós? De qualquer maneira, a luta é dura e nunca terminada. A esta anti-criação devemos opor a nossa confiança, a nossa fé num foco de atracção infinitamente amável, situado fora do espaço e do tempo, que Teilhard denominou Ómega para designar a Pessoa Divina, a de todos os crentes do nosso planeta. Esse foco divino de atracção, eterno e sempre presente, é o único capaz de fazer com que o nosso Universo emerja das condições físicas que o constroem.

A união noosférica

O Espírito é parte integrante do cosmos. É uma das duas faces da realidade de que ele forma o *tecido*. É *o dentro* das coisas para Teilhard ou o seu *direito* para os neognósticos de Princeton, sendo o *avesso* a face material, o *corpo* apenas visível pelos outros e o único que conta para os materialistas. Alguns assimilam o Espírito à forma mais elaborada da energia – é a energia-consciente de Provenzano, físico do célebre instituto tecnológico da Califórnia (o CalTech).

Será que algum dia se poderá avaliar a massa equivalente da energia espiritual e fazê-la entrar nos cálculos cosmológicos que, hoje, são de actualidade? Será que *a massa e a energia ausentes* que assegurarão o equilíbrio do cosmos são em parte de natureza espiritual? Para além destas considerações futuristas e ousadas, é indiscutível que o espírito existe no universo: nós, que pensamos, não somos disso a prova? Este espírito exprime-se no mundo dos seres vivos graças a estruturas mais ou menos adaptadas. Do instinto à consciência e à inteligência, a expressão e a riqueza do pensamento crescem com a complexidade do órgão que o exprime. No homem, o cérebro atinge o cume da complexidade e o seu pensamento é uma das grandes potências da natureza.

No fim do caminho, se disso formos dignos, os espíritos dos homens chegarão a cobrir todo o planeta com esta nova camada da qual já hoje discernimos muitos e importantes fragmentos: a noosfera, esfera dos espíritos, recobrando a nossa biosfera, actualmente perto da saturação. Essa esfera tece-se todos os dias cada vez mais, graças às técnicas inventadas pelo génio humano que sabe utilizar as forças e as ondas imateriais que sulcam o nosso universo.

Essa camada pensante une as gerações presentes a todas aquelas que as precederam e de que são inseparáveis por toda a herança biológica e cultural que delas receberam. Pelo acesso a um estado de consciência superior, ela poderá talvez um dia atingir a última verdade.

A realidade terminal

«Sob que traços, agora, posso eu representar a Realidade terminal, a única preciosa, que recolhe tudo o que existe de absoluto [...] no trabalho da vida? Inevitavelmente, sob os de uma imensa Unidade. O Absoluto para que nos elevamos não poderá ter outra face senão a do todo, – um Todo depurado, sublimado, “conscientizado”. [...] Assim, gradualmente, a minha fé no valor do ser individual precisa-se, enriquece-se até me lançar aos pés de alguma Realidade universalmente esperada.»⁶ E Teilhard acrescenta, noutra local, aos pés «duma Pessoa suprema».

A fé numa Revelação da Verdade pode ajudar-nos na nossa busca dessa Pessoa suprema.

Mas, bem entendido, a fé não pode resultar, logicamente, duma concepção metafísica do universo, por mais elaborada que seja. Para crer, é necessário acrescentar a intuição e o empenhamento do coração, que permite aceder a uma Verdade que nos é ensinada e aceitar esse ensinamento como proveniente do que ainda ultrapassa a nossa compreensão. O que significa que a fé não é acessível senão a quem saiba escutar e compreender, através da mensagem da Revelação, a linguagem da força cósmica que é o Amor, fonte de toda a esperança e de toda a confiança.

Para quem tem esta fé, a criação deve transpor o último pórtico, aquele que o atrai e conduz para fora do espaço e do tempo, «para além do qual – diz Teilhard⁷ – nós já não poderemos distinguir mais nada, mas para além do qual nós poderemos dizer que, *com outras dimensões, por enquanto irrepresentáveis, o Universo continua*».

Lisboa, Universidade Lusíada, 3 de Maio de 2007

⁶ Teilhard de Chardin, *Science et Christ*, Seuil, p.71

⁷ Teilhard de Chardin, *Activation de l'énergie*, Seuil, p. 351

«Que se passa no universo ?
Teilhard de Chardin e
Alfred North Whitehead»⁸

por John Haught – *in Process Studies*, 35/1,
2006

No nº 21, de Março 2007, de “Teilhard Aujourd’hui” (Boletim da *Association des Amis de Pierre Teilhard de Chardin*, Paris), vem publicada a tradução (do inglês para o francês) do artigo em epígrafe, de John Haught. Para além do interesse que o próprio tema desperta, pela aproximação que o autor faz do pensamento de Teilhard de Chardin e do matemático e filósofo de origem britânica Whitehead, é de assinalar que o tradutor é o Padre François Euvé s.j., actual regente da cadeira Teilhard de Chardin no Centre Sèvres (universidade jesuíta) de Paris. O Padre Euvé faz anteceder a sua apresentação dum “*Avant-propos du traducteur*”, que nos ajuda a situar o tema e onde nos diz que Haught é um teólogo leigo americano, nascido em 1942, que desde 1969 faz parte do departamento de teologia da Universidade de Georgetown (Washington, fundada pelos jesuítas no século XVIII). Diz-nos ainda que a obra de John Haught foca principalmente as relações entre a fé cristã e as ciências da natureza, com posições críticas face às correntes criacionistas e daqueles que julgam encontrar na biologia o suporte para a tese do «*intelligent design*». Terá sido graças a Teilhard de Chardin que Haught descobre, quando estudante, durante os anos do Concílio Vaticano II, a dimensão cósmica da fé cristã. Acerca de Whitehead, informa-nos o Padre Euvé ter ele sido co-autor com Bertrand Russel dos *Principia Mathematica*, e que a sua grande obra, *Process and Reality*, aparecida em 1929, «exerceu uma influência considerável na filosofia e na teologia norte-americana dos anos recentes».

Entrando propriamente no artigo de John Haught, o autor parte das três questões fundamentais formuladas por Kant – que posso eu saber?, que devo eu fazer?, que me é

permitido esperar? – para lhe acrescentar uma quarta – que se passa (à nossa volta)? (*what’s going on?*). E esta quarta questão é levada mais além da simples envolvente local ou histórica: é fundamental ter-se a noção do que se passa no universo. Aqui se faz uma primeira aproximação de Teilhard e de Whitehead, pois ambos tomaram consciência de que a compreensão correcta do que se passa no universo é indispensável para *bem esperar* e para *bem agir*. Para ambos, é necessário adquirir esse sentido cósmico para se possuir o «gosto de viver» (de Teilhard) ou alimentar a «grande esperança aventurosa» (de Whitehead). Segundo ele, este sentido cósmico tem escapado à teologia contemporânea, que encara o universo mais como um cenário de fundo para se pensar a vida e o destino humano. Hoje, para a maioria das pessoas, o universo apresenta-se sem uma finalidade, mesmo que possa aparecer como depositário de algum mistério.

Teilhard e Whitehead trouxeram o cosmos para o primeiro plano, no sentido em que estão em causa questões ligadas ao conhecimento, à acção e à expectativa dos humanos. Por esse motivo, consagram uma grande parte da sua actividade a ajudar os outros a *ver* aquilo que eles viram, que é a «grande obra» que se opera no cosmos, pela qual os nossos próprios esforços, as nossas expectativas e as nossas alegrias são susceptíveis de obter todo o significado.

É, no entanto, importante tomar-se consciência de que, na base de tais vigorosas propostas, se encontra, tanto em Teilhard como em Whitehead, uma visão profundamente religiosa. «Ambos se recusam a separar a sua cosmologia dum princípio transcendente de criatividade e de preocupação pelo mundo, o que permite a emergência do novo e garante o valor do devir do mundo. Ambos têm a concreta noção de que alguma coisa está em processo no cosmos, sobretudo porque ele está intimamente ligado à vida de Deus.» Os dois estão convencidos de que uma influência divina opera a um nível de realidade demasiado profundo para que a ciência comum disso se aperceba. Para Teilhard, «o cosmos é a matriz da complexidade emergente, da vida, da consciência, da personalidade e do espírito»; para Whitehead, «a aspiração cósmica de mais beleza, mais criação e formas mais intensas de novidade e de subjectividade, requer uma explicação que ultrapassa o quadro da ciência.» Citando em nota uma obra de Whitehead intitulada *Science and Modern World*, o autor do artigo transcreve o seguinte

⁸ Recensão de A. Paixão

trecho: A religião é «a visão de qualquer coisa que se sustenta para lá, por detrás e no interior do fluxo das coisas imediatas: qualquer coisa que é real e que, contudo, espera a sua realização; qualquer coisa que é uma possibilidade longínqua e que, no entanto, é o maior dos factos presentes; qualquer coisa que dá sentido a tudo o que se passa e que, não obstante, escapa a ser apreendida; qualquer coisa que constitui o bem maior de ser possuído e que, apesar disso, está para lá de qualquer expectativa; qualquer coisa que é um último ideal, mas também uma procura sem ansiedade.» Para os dois pensadores em apreciação, Deus é o inspirador do que se cria no mundo, de todos os acontecimentos que constituem o drama cósmico, e, ao mesmo tempo, aquele que assimila na sua vida divina o carácter passageiro do mundo, salvando-o pelo seu devir constante. Para ambos «Deus é verdadeiramente modificado pelo que se passa no mundo, duma maneira que em nada diminui a sua perfeição divina.» Teilhard dizia que, sendo Deus auto-suficiente, «no entanto o Universo lhe proporcionava alguma coisa vitalmente necessária». Para ambos, este conceito significava que tudo o que se passa no mundo importa verdadeiramente a Deus. Um e outro estão de acordo em que, «sem a intuição de que o cosmos está profundamente envolto em algo de eterno», a acção humana não possuiria nenhum significado profundo. Daí a insistência de Teilhard em associar o gosto de viver e a acção moral e o seu reconhecimento de que a harmonia de espírito com a doutrina da criação, à luz duma consciência renovada de evolução cósmica, deveria levar tanto à acção como à adoração.

É precisamente neste contexto dos fenómenos da evolução que Teilhard analisa o fenómeno cristão, não o isentando das «dramáticas transições de fase» a que, como outros sistemas vivos, está sujeito. E o autor do artigo cita o seguinte texto de Teilhard, de 1933: «Creio que o cristianismo é imortal. Mas esta imortalidade da nossa fé não a dispensa de sofrer, ao mesmo tempo que as ultrapassa, as leis gerais da periodicidade que dominam toda a vida. Assim, reconheço que, presentemente, o Cristianismo atinge (exactamente como a Humanidade que ele abarca) o limite dum dos ciclos naturais da sua existência. E [Teilhard] acrescenta: eis um índice de que estão próximos os tempos para uma renovação.»

Aproximando, mais uma vez, os dois pensadores na reflexão sobre o valor da religião como atitude de vida perante o sentido profundo do cosmos, Haight lembra que, para Whitehead, «a

insistência nas regras de conduta marca o refluxo do fervor religioso» e que, para Teilhard, a nossa actividade moral não poderia ser eficaz enquanto fosse pautada por obediência a imperativos categóricos ou pela mera procura de recompensa no outro mundo: só o sentimento de contribuir para alguma coisa de permanente por entre tudo o que nasce no cosmos pode dar um significado durável à acção moral.

Aqui surgem as interrogações, por um lado, quanto a se esta esperança de Teilhard se articula efectivamente com a realidade e com o que *realmente* se passa no universo, se a «sua visão cósmica corresponde ao mundo natural tal como é representado pelo melhor da ciência contemporânea» e, por outro lado, em que medida uma avaliação actual do pensamento de Teilhard é teologicamente válida.

O autor começa por responder a esta segunda interrogação citando o teólogo alemão Jürgen Moltmann, autor de “A Teologia da Esperança”, o qual afirma que «o cristianismo é inteiramente (e não somente em apêndice) escatologia, é esperança, perspectivas e orientação para em frente, por isso também impulso e renovação do presente.» Ao mencionar que deve a este pensador a orientação que imprime aos seus próprios trabalhos teológicos, virada para a «chegada do futuro» (*the coming of the future*), reconhece também que já anteriormente, quando começou a estudar Teilhard, foi dele que recebeu a convicção de que «não é somente a história humana nem o destino individual, mas o *conjunto do universo* que deve ser o sujeito do tema bíblico da promessa.» Segundo o autor, Teilhard «revelou-se teologicamente pertinente ao traduzir em linguagem da visão evolutiva do mundo a antiga intuição de S. Paulo, de acordo com a qual a criação está envolta pelo Cristo “universal”, *in quo omnia constant*. Parece-me assim, escreve ele, que a cosmologia religiosa de Teilhard é coerente com o sentido bíblico, em que a promessa divina duma realização futura em plenitude se refere não apenas à história humana mas também ao todo real. Não podemos objectar nada teologicamente à ideia teilhardiana de que é o *universo inteiro* que é chamado pelo Deus-Ómega, incarnado em Cristo, a realizar uma unidade mais completa. [...] O cosmos não pode ser resgatado, por conseguinte, senão sendo continuamente criado, o que significa ser conduzido para a unidade. *Creare est uniri.*» E, mais à frente, ainda reflectindo sobre as concepções teilhardianas, afirma: «O universo em evolução não chega a uma nova síntese espiritual sem passar por “tentativas e regressões sem fim”. Toda a acção da nossa parte em direcção à multiplicidade, à

custa da orientação para «a comunhão» que define a evolução, contraria a visão divina do destino cósmico e humano.»

Haught considera que, à luz da recente teologia da esperança, não se encontra nada de tão fundamentalmente bíblico, em grandes linhas, nos pensadores contemporâneos de Teilhard como a sua teologia da natureza. E, repartindo sobre as questões kantianas com que abre o artigo, propõe-nos, olhando o universo com os olhos da fé e da ciência de Teilhard, a descoberta do que o cosmos nos pode ensinar acerca do que devemos fazer e do que devemos esperar: «nesta aventura cósmica», *fazer* tudo o que «vai em direcção duma maior consciência» (a consciência sendo a coisa mais importante que se passa no universo) e, aqui reside a *esperança*, por esse incremento de consciência, obter um maior crescimento do *ser*.

Abordando a segunda questão colocada (se a visão cósmica de Teilhard corresponde ao mundo natural tal como é representado pelo melhor da ciência contemporânea), o autor recorda a surpresa de Teilhard por «tantos pensadores científicos que deveriam ser, entre os outros homens, os primeiros a seguir o imperativo empírico, nunca terem *olhado* de perto *o que se passa* efectivamente no universo, em sentido lato.» É que, diz Haught, aos olhos de Teilhard «é inegável que, se recuarmos um pouco a fim de adquirir uma visão de conjunto do processo cósmico, constatamos um claro crescimento constante de complexidade física e uma intensificação correspondente daquilo a que ele chama “consciência”, pelo menos em termos de longo prazo.» A explicação que encontra em Teilhard para essa ‘miopia’ reside no que este chama a *ilusão analítica*, que faz com que o observador científico tenda a olhar o universo de «maneira atomística e reducionista, como mónadas fragmentárias que, no acaso dos encontros, formam associações provisórias, tal como os organismos vivos.» Tanto para Whitehead como para Teilhard, sublinha o autor, «o pensamento moderno encontra-se sob a sedução dum conjunto de abstracções que deixam de fora uma grande parte do mundo real. A própria ciência falhou ao não *ver* o que lhe está diante dos olhos.»

Essas desatenções que o mundo científico parece revelar e sobre as quais os dois pensadores têm igualmente pontos de vista comuns, centram-se numa desfocagem em relação ao «fenómeno humano» e à formação da noosfera como camada do pensamento, camada emergente dos dados da evolução planetária como qualquer outra camada «geológica». Assim, não são campos particularmente interessantes para o

mundo científico o da subjectividade, «que é ainda um tabu científico, raramente considerado como parte real do mundo natural», o da *direccionalidade* nos processos evolutivos, defendida por Teilhard pela evidente transparência do crescimento da complexidade e da consciência, e o da própria consciência, que o cientismo moderno se recusa abordar como uma realidade a entender. Os argumentos que jogam em favor da direccionalidade baseiam-se nos dados mensuráveis dos aumentos da quantidade e qualidade do tecido nervoso observável ao longo dos fenómenos evolutivos da vida, que só a «recusa obtusa de ver o mundo conduziu os cientistas a ignorar o processo de “cerebralização” que conduziu a um crescimento global da consciência.» Existem hoje cientistas e filósofos, diz-nos Haught, que negam terem existência real a consciência ou a subjectividade, numa «tentativa desesperada de salvar a ideia dum cosmos completamente objectivável». Uma metafísica mais empírica, defendida por Whitehead, ou uma hiper-física, à maneira de Teilhard, poderão ser o remédio para este estado de coisas e um caminho para que «a subjectividade e o fenómeno humano permaneçam no nosso campo de visão, se quisermos ser profundamente empíricos e se procuramos compreender o que se passa no universo.»

Na conclusão do artigo, o autor aponta-nos como nosso dever «participar no drama cósmico que faz nascer o espírito, projecto ainda inacabado», mas alertando para uma compreensão não dualista do espírito-matéria, antes vendo-os como «*tendências* polares no devir temporal do universo». Teilhard, recorda-nos o autor, foi o primeiro a compreender que o cosmos é uma génese e que as tendências polares não são redutíveis a duas espécies de seres metafisicamente díspares; o que, desde as origens, efectivamente se passa no cosmos é a nascença do espírito, mas dum espírito jamais separado da matéria. «O mundo natural nunca foi essencialmente inconsciente ou desprovido de espírito, visto que teve sempre uma *disposição* para a unidade, a complexidade, a consciência e a liberdade. [...] Deste modo, o espírito não é de maneira nenhuma um epifenómeno. É antes um fenómeno emergente primário, um aspecto “fundamental” da evolução, que se estende ao longo de todo o processo cósmico e que se manifesta mais ainda no decurso do tempo. [...] Por consequência, uma visão religiosa e cósmica, na qual *o que se passa verdadeiramente* no universo inclui a acção de Deus, que as religiões identificam

como o extremo do espírito, não pode deixar de ser cientificamente credível.»

Ómega é o ponto de convergência cósmica que Teilhard identifica com o próprio Deus, que se aproxima do mundo e o convida a novos estados do ser, conservando a sua espontaneidade, num processo evolutivo que não se produz ao acaso ou por determinismo cego. O que se passa verdadeiramente no mundo, em termos teológicos e segundo Teilhard, é que «Deus se incarna cada vez mais no mundo». Resulta desta visão que a «esperança religiosa é uma extensão e uma expansão da evolução física do universo. É particularmente através das aspirações religiosas que o universo progride, por diferentes vias, em direcção ao seu Ómega.» Ainda que a ciência ignore que o cosmos tende para um fim orientado para Deus, há que, no entanto, «creditar-lhe o enriquecimento e o alargamento da nossa compreensão do universo físico; e as suas descobertas evolutivas podem revestir um sentido religioso enquanto pensarmos que Deus atrai o mundo a uma unidade sempre mais diferenciada. Assim, mesmo se a noção de “fim” se encontrar, por definição, fora do campo da investigação científica, as descobertas da ciência são consistentes com a intuição religiosa de que existe uma finalidade, um destino, no processo cósmico, capazes de a alimentar.» E Haught termina o artigo com esta frase, que faz sobressair toda a validade actual do pensamento de Teilhard: «Porque temos de ser responsáveis, aquilo que devemos fazer e o que podemos esperar constituem preocupações, creio eu, que podemos continuar a abordar duma maneira frutuosa através da visão teilhardiana do que se passa no universo.»

Bibliografia citada no artigo:

- * John Haught, *Deeper Than Darwin: Evolution and the Question of God*, Boulder, Colo: Westview Press, 2003; *Is Nature Enough?*, Cambridge University Press, 2006; *Nature and Purpose*, Lanham, Md.: University Press of America, 1980; “Seeing the Universe: Ian Barbour and Teilhard de Chardin”, in *Fifty Years in Science and Religion. Ian Barbour and his Legacy*, Ashgate, 2004
- * Alfred North Whitehead, *Process and Reality*, Free Press, 1978, *Science and Modern World*, Free Press, 1967
- * Pierre Teilhard de Chardin, *Œuvres*, VI, VII, X, XII, Seuil
- * Richard Niebuhr, *The Responsibility of Self: An Essay in Christian Moral Philosophy*, Westminster, 1999
- * Stanley Jaki, *Universe and Creed*, Marquette University Press, 1992
- * Jacob Needleman, *A Sense of the Cosmos: The Encounter of Modern Science and Ancient Truth*, Doubleday, 1975
- * Ursula Goodenough, *The Sacred Depths of Nature*, Oxford University Press, 1998
- * John Smith, *Reason and God*, New Haven, 1961
- * Schubert Ogden, *The Reality of God*, New York, 1977
- * Jürgen Moltmann, *Théologie de l'espérance*, Paris, 1970
- * Ian Barbour, «Five Ways to Read Teilhard», in *The Teilhard Review*, 1969, 3-20
- * A. Wallace, *The Taboo of Subjectivity*, New York, 2000
- * David Griffin, *Unsnarling the World-Knot*, Berkeley, 1998

Proposta de Inscrição como Associado

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ **Telefone:** _____ **Telemóvel:** _____

E-mail: _____ **Data de nascimento:** _____

Quota anual: € 40.00

Data: _____ **Assinatura:** _____

Fotocopiar, preencher e enviar para: AAPTCP – RUA VILA CATIÓ, 397, 6º esq. 1800-348 LISBOA
(teilhard.portugal@sapo.pt)

Pensamentos escolhidos por Fernande Tardivel

(Teilhard de Chardin, "Hino do Universo", Ed. Notícias,
2ª ed., 1996, tradução de Miguel Serras Pereira)

« *Le Milieu Divin* », *Tientsin, Novembro de 1926 - Março de 1927*

VÓS, CUJA AMANTE SABEDORIA

me forma a partir de todas as forças e de todos os acasos da Terra, concedei-me que esboce um gesto cuja plena eficácia me apareça perante as forças de diminuição e de morte, fazei com que, depois de ter desejado, eu creia, ardentemente creia, creia na Vossa Presença activa, presente em todas as coisas.

Graças a Vós, esta expectativa e esta fé, ei-las já cheias de virtude operante. Mas como farei eu para Vos testemunhar, e provar a mim próprio, por meio de um esforço exterior, que não sou desses que se limitam a dizer com os lábios apenas: «Senhor! Senhor!» Colaborarei na vossa acção providente e duplamente o farei. Em primeiro lugar, à Vossa inspiração profunda, que me manda ser, responderei cuidando de nunca asfixiar, nem desviar, nem desperdiçar a minha força de amar e de fazer. E à Vossa Providência envolvente que me indica a cada instante, por meio dos acontecimentos de cada dia, o próximo passo a dar, o degrau a subir, ligar-me-ei, em seguida, cuidando de não perder ocasião alguma de ascender na direcção do «espírito».

(*op.cit.* pág. 104-105)

LA PENSÉE de Teilhard

«L'homme voit s'exalter presque à l'infini devant lui la grandeur de ses responsabilités. Lui qui pouvait se croire jusqu'alors, dans la Nature, un être de passage, local, accidentel, libre de gaspiller à ses dépens individuels l'étincelle de vie qui lui est échue, il discerne soudain, au fond de lui-même, la charge redoutable de conserver, d'accroître, de transmettre la fortune d'un Monde. Sa vie, en un sens vrai, a cessé de lui être particulière. Corps et âme, il émerge d'un formidable travail créateur auquel la totalité des choses a depuis toujours collaboré; et, s'il se dérobe à la tâche assignée, quelque chose de cet effort sera pour jamais perdu et manquera à tout l'avenir.» (Tome VI, L'Énergie humaine) ~

Pierre Teilhard de Chardin

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos